

## SÉRIE TRAJETÓRIAS

Palestrante: professora Odete Ernest Dias

Local: Praia do Flamengo, 172 / 12º

Data: 06 de agosto de 2002

Hora: 18h: 30min

Eu nasci em Paris, em 1929, 2 de fevereiro, em um dia de frio terrível, em que fazia (18º abaixo de zero). Eu não nasci em Paris por acaso, eu sou francesa de nascimento e de cultura, porque a língua que agente aprende em criança e o contexto em que se nasce é muito importante na formação da pessoa, mais do que as origens, mas ultimamente eu sinto que a minha base francesa me permite ter muitos recursos para poder sentir melhor o Brasil.

Meu pai era da ilha Maurício, no Oceano Índico e minha mãe era alsaciana, essa população que muda de nacionalidade a cada geração; ela era descendente de alemão com escocês. Eu nasci em Paris, mas não tenho antepassado nenhum em Paris. A minha casa era diferente da casa de minhas amiguinhas, meu pai tinha uma espécie de ânsia, ele não gostava de morar em lugares apertados, então nós morávamos em apartamentos grandes, mas pobres. Meu pai foi à Europa para estudar medicina; ele saiu da ilha Maurício, depois da Primeira Guerra Mundial, mas antes disso ele trabalhou com Gandhi, na África do Sul, naquela campanha contra o racismo. A ambição dele era estudar medicina, então logo que a guerra acabou ele embarcou para Europa para estudar medicina, primeiro na França, em Montpellier, e depois na Inglaterra. Depois de alguns reveses ele abandonou a medicina e voltou para França onde foi ser professor, já que falava muitas línguas. Ele tinha o desejo muito grande de aprender, ele era muito culto.

A minha mãe era de uma família de treze filhos, ela era alemã com uma bandeirinha francesa, falava francês com sotaque alemão. Desta forma, eu ouvia em minha casa uma multiplicidade de línguas com se fosse um pequeno consulado, já que nós tínhamos sempre gente em casa, como os estudantes da ilha Maurício e também a família de minha mãe.

Eu me lembrei há poucos dias como eu aprendi as primeiras notas. Em uma ocasião, meu pai levou um rapaz lá em casa chamado André, que tocava violino na rua, e este rapaz me ensinou as primeiras notas, depois eu comecei mais seriamente.

Meu pai arrumou um professor de canto, Monsieur Tirel, e esse professor conhecia uma professora de piano e após assistir a algumas aulas dela, meu pai combinou de ela para ir à nossa casa dar algumas aulas para mim e para meus irmãos Philippe e Jacques. Ela era “Premier Prix de Piano” do Conservatório National Supérieur de Paris, e ela me contou mais tarde que tinha sido amiga de uma brasileira chamada Guiomar Novaes, na classe do professor Philip. As aulas dela eram fantásticas, nós tínhamos que ler e tocar á primeira vista e na primeira audição tocamos a seis mãos uma Sonata, de Mozart e isso depois de poucos meses.

Ela fazia a gente cantar e dançar, pois ela tinha um casal de filhos que trabalhava no teatro. Em uma oportunidade, ela montou um espetáculo aonde tinha a Branca de Neve e me falou que eu seria a Branca de Neve - eu tinha oito anos.

O ensino dela era maravilhoso, pois ela reunia a dança, o canto, a representação, a roupa e a música, mas, infelizmente, em 1942, ela fugiu para Suíça com toda a família para se proteger da perseguição nazista aos judeus; então acabaram nossas aulas de piano. Ela voltou depois da guerra, mas nesse meio tempo eu comecei a ter aulas de flauta com Madame Lucien Lavailotte, que era solista da orquestra da Ópera de Paris. Mas, o primeiro contato que eu tinha tido foi no atelier de Monsieur Marigaux, um dos muito amigos diferentes de meu pai, ele o conheceu numa de suas viagens de navio, onde Monsieur Marigaux tocava saxofone e violoncelo. Monsieur Marigaux montou uma fábrica de instrumentos de sopro. “SML” (sucessor do Louis Lot para flauta) e foi numa visita ao atelier que eu vi pela primeira vez a flauta, brilhante, em um estojo de veludo azul e o luthiers trabalhando artesanalmente, manualmente na construção dos instrumentos, o que me fascina até hoje nos ateliês de meus amigos, indispensáveis na manutenção aprimorada de minhas flautas Louis Lot (uma do sec. XIX nº 1.155 saída da mão do Louis Lot ele mesmo), Louis Tudrey, de São Paulo e Franklin, da flauta, no Rio de Janeiro.

Depois da guerra, nós fomos passar as férias em uma praia da Normandia (interditada pelos alemães durante a ocupação e onde houve o desembarque dos aliados em junho de 1944) e lá encontrei uma família que tocava flauta e eles me incentivaram a ter aulas com um professor do “Conservatório National Supérieur de Paris” - Monsieur Gaston Crunella. Eu falei a meu pai e lhe disse que eu mesma pagaria minhas aulas. Então comecei a trabalhar como *babysister* (atividade comum remunerada para os estudantes universitários na França – eu estava fazendo também o curso de letras na Sorbonne, curso que eu abandonei depois.) Monsieur Crunella me aconselhou a tentar o Conservatório, pois minhas aulas corriam muito bem com resultados muito bons, na opinião dele. Eu falei que minha primeira intenção era a de estudar medicina. Eu tinha 18 anos. O concurso para entrar no Conservatório era muito difícil: 3 vagas para 50 candidatos. Eu não tinha muita esperança, não me achava suficientemente preparada... mas assim mesmo, fiz o concurso e passei. No Conservatório, passei quatro anos e nunca faltei a uma aula. Lá, cada professor tinha doze alunos e dava doze horas de aulas semanais. Mas nós tínhamos eu assistir cada uma seis horas de aula. A turma era dividida em duas: eu ia às terças-feiras e nas quintas feiras, aulas das nove ao meio-dia, sem sair da sala. O professor organizava o tempo das aulas conforme a necessidade de cada um: um tocava e os outros escutavam até serem chamados individualmente ao meio da sala. Os colegas assistiam e se beneficiavam dos conselhos gerais e da atenção dispensada a cada um. Isto era um treinamento de memória, nós aprendíamos com a maior facilidade nesse convívio musical.

Como minha técnica não era lá essas coisas, eu estudava muito, eu tinha facilidade no som, mas não na técnica. Ainda tive que vencer a minha timidez, pois eu era a única moça da turma e os colegas ficavam fazendo piada comigo, mas na hora de tocar tudo melhorava.

No Conservatório de Paris, eu tive a sorte de entrar no curso Superior de História da Música, ministrado por Monsieur Norbert Dufourcq e também no curso de Estética e Pedagogia, ministrado

por Monsieur Roland Manuel e Marcel Beaufils. A convivência no Conservatório era muito boa e em alguns momentos eu me dava conta do valor de estar ali.

Em 1950, bicentenário da morte de J. S. Bach, o curso foi, durante o ano todo, sobre sua obra, analisada, contada e exemplificada com paixão por Norbert Dufourcq.

O Roland Manuel tinha sido amigo de Ravel e Manuel de Falla. Ele falava desse compositores com intimidade. Ele tinha também um programa musical de rádio aos domingos de manhã *Plaisir de la Musique* onde entrevistava as maiores personalidades musicais da época. Um dia ele deu uma definição do que seria uma *anacruse* de uma maneira que ficou na minha memória e na minha atuação musical para sempre. Roland Manuel tinha muito afinidade com a Espanha. “Anacruse, passagem imediata do silêncio para o som, da sombra para a luz”. É a oração do toureiro, recolhido na capelinha escura da praça do toureiro em Madrid, quando ele reza, se concentra antes de entrar subitamente na luz da arena, na explosão de “pasodoble”.

Marcel Beaufils se especializou no Romantismo Alemão “Sturm und Drang”. Ele mesmo era um personagem de aparência romântica.

No Conservatório, me sentia muito gratificada e uma coisa bem interessante, entre outras que explica meu interesse pela música contemporânea e o convívio com alguns colegas como Olivier Allan, que era compositor e aluno da Nadia Boulanger. Com ele fundamos um pequeno grupo chamado “Clube de ensaio”, também com outros alunos da Nadia. As composições novas eram apresentadas e discutidas em apresentações públicas em um programa da Radiodifusão francesa com esse nome “Clube de ensaio”. O estúdio ficava numa rua transversal ao Boulevard Saint Germain e, no fim do programa, nós festejávamos bebendo cerveja nos cafés célebres – Café de Floré, ponto do Jean-Paul Sartre, ou no “Lipp.” Paralelamente a isso, a Nadia Boulanger dava umas aulas públicas no “Cerele Interallié” perto da Place de La Concordé, onde ela analisava especialmente a obra. Ela regia um coral onde participavam muitos estrangeiros. Ela nos pedia para ilustrar tocando nas aulas dela. Lembro-me de uma execução memorável nossa da *Oferenda Musical*.

Nós tínhamos uma convivência riquíssima enquanto alunos do Conservatório, mas não podíamos trabalhar profissionalmente, só em casos excepcionais e com a autorização do diretor (no meu tempo Claude Delvincourt); Por exemplo, se você já tivesse um segundo prêmio, ou uma situação de família um pouco difícil, ou se fosse estrangeiro.

Eu fiz parte de uma orquestra de câmara “Orquestra Taffanel” e do “Quarteto Instrumental de Paris” e também de um grupo de teatro “Theophiliens”, com os quais fiz algumas viagens pela Europa. Mas, costumo dizer que eu comecei minha vida profissional quando entrei para o sindicato dos músicos em Paris, porque se você não é sindicalizado não pode tocar, então tem que tirar a carteira do sindicato.

Uma das minhas primeiras funções foi muito engraçada, pois um colega me disse que eu ia tocar com uma banda (era no “Boris de Vincennes”, limite leste de Paris) e que o cachê era muito bom.

Quando cheguei lá, tinha um palanque e um senhor de boné tocando e após cada música que eles tocavam, eles paravam e tomavam um vinho. Eu não toquei quase nada, pois não conhecia as músicas (as convenções de ida e volta), mas o dinheiro já estava na estante, eu o apanhei e saí de lá meio assim, pois já tinha tomado uns vinhos brancos. A primeira experiência foi muito boa, pois já era sindicalizada. Tenho dado algumas entrevistas para a televisão e tenho dito que o músico tem que tocar ao vivo e ser pago “ao vivo” também.

Norbert Dufourq, professor de História da música, era uma pessoa maravilhosa, as aulas dele começavam as 14 h e iam até as 18:00 h, a sala ficava cheia e às vezes as pessoas dormiam. Em 1950, no bicentenário da morte de Bach, as aulas dele foram o ano inteiro sobre Bach, ele passava gravações e fazia agente reconhecer as cantatas, às vezes levava a gente para a casa dele, pois lá tinha um órgão e nós podíamos tocar, nós tocávamos várias obras de Bach sem ensaio. Ele levava os alunos também na Igreja de Saint-Merri, no centro de Paris, onde ele mesmo tocava o órgão e uma vez por ano à Capela de Castelo de Versalhes, onde eu mesma tive a oportunidade de tocar com o grande organista cego André Marchal.

As pessoas dizem que o ensino na Europa é muito frio, eu não tive um ensino frio. Minha professora de piano era maravilhosa e após a guerra ela voltou e eu fui visitá-la.

Depois da guerra, eu participei do Coral da Universidade de Paris com 300 vozes e eu era soprano, nós cantamos *Magnificat*, de Bach com a “Société des Concerts du Conservatoire” regido pelo maestro André Cluytens, no teatro do Palais Chaillot. Eu chorava cantando, pois uma das minhas maiores experiências musicais foi cantar em corais.

Eu tocava de vez em quando, pois tinha feito concurso para solista da “Radiodiffusion Française”, tocava com a orquestra de câmara, mas não tinha emprego fixo. Minha geração estava louca para sair e viajar porque a Europa toda estava bloqueada durante a guerra.

Em 1951, ganhei o primeiro prêmio de flauta no Concurso Público do Conservatório (primeira nomeada – era a distinção máxima) e a primeira medalha por unanimidade no concurso Internacional de Genebra (o mais famoso na época). Um dia, recebi uma carta da Orquestra Bach de Winterthur regida por Hermann Scherchen, grande especialista em Bach, me convidando para integrar essa orquestra de altíssimo nível. Fiquei empolgada e mandei toda a documentação requerida. Mas, depois de um mês ou dois, recebi outra carta informando que o contrato estava cancelado porque as cotas de imigração tinham sido limitadas e que, sendo eu mulher (literalmente) fazia parte das pessoas eliminadas nas cotas.

Mas, tempos depois, recebi, através do Serviço Social do Conservatório, uma mensagem dizendo que eu deveria me apresentar na Unesco (avenida Kleberna época) e procurar o senhor Luiz Heitor Correia de Azevedo, representante cultural do Brasil. Quando eu cheguei lá, fiquei encantada com a finura e elegância dele e eu pensei: “Os brasileiros são incríveis”. Ele me disse que o maestro Eleazar de Carvalho estava na Europa e que ele iria me chamar assim que ele chegasse em Paris, com isso eu fiquei investigando um pouquinho, pois não sabia nada sobre o Brasil.

Eu perguntei a um colega americano, que era veterano de guerra e flautista, sobre Eleazar e ele me disse que o Eleazar de Carvalho já era conhecido nos EUA e que era muito bom regente. Então, eu fui lá conhecer o Eleazar. O encontro estava marcado para as 14 horas da tarde, mas às 15 horas ainda não haviam me chamado e eu já pensava em não assinar o contrato, mas logo em seguida me chamaram. Ao ver o Eleazar, minha timidez voltou e ele me olhava de cima a baixo e me perguntou se eu era menor. Respondi que não, logo chegou o Noel Devos e eu vi que a proposta era muito boa. Era um contrato muito bom, mas nós saímos de lá ainda sem assinar. Três dias depois voltamos, assinamos o contrato e oito dias depois viajamos de avião, (Aerolíneas Argentinas). Era a nossa primeira viagem de avião! (30 horas de vôo, em 1953).

Ao chegarmos ao Rio de Janeiro, o Eleazar estava nos esperando com reservas de acomodações em Copacabana. No dia seguinte fomos para sinfônica, OSB, para o ensaio. Vimos logo que o ambiente era muito bom e o Eleazar tinha a ambição de dinamizar a orquestra como entidade privada, com alguns patrocínios como da Coca-Cola e da Vasp.

Nós viajavamos todo mês para São Paulo, Campinas e Santos e com um repertório muito bom. Ele contratava grandes maestros como Erich Kleiber, Leonard Bernstein e Igor Markevitch, entre outros. A Sinfônica tinha um brilho. Era um pouco diferente da de hoje, não era muito burocrática.

Nós estávamos muito acostumados com a leitura, o solfejo, pois na França é uma coisa comum, então logo que nós chegamos, recebemos muitos convites para tocar na Rádio Tupi, na Rádio Nacional, em programas regidos por Léo Peracchi “Festival GE”, Radamés Gnattali “Um milhão de melodias”, por exemplo - e como uma coisa puxa a outra eu acabei me envolvendo muito nesses anos com a Música Popular Brasileira.

O convívio com os músicos populares brasileiros, foi primeiramente na Rádio Tupi, na orquestra de Milton Calazans, quando eu conheci o Pixinguinha, e depois na Rádio Nacional e na Rádio Mayrink Veiga. Foi uma coisa incrível e me fascinou demais. Eu acho que aqui eu reencontrei uma coisa que já existia dentro de mim, por causa do meu pai, pois ele era uma pessoa de cultura mista, então quando eu entrei, vi coisas que eu não estranhei nem um pouco.

Naquele tempo, existiam uns conjuntos chamado “regionais” (do Dante Santoro, do Canhoto) que serviam basicamente para acompanhar os cantores. Nos corredores da Rádio Nacional, eles chegavam para ensaiar em cima da hora, dizendo que iam cantar uma música em “si menor” e começavam em “sol maior”. Então, o conjunto pegava o “tom e improvisava” imediatamente em qualquer tom.

Na orquestra da Rádio Nacional, eu gostava muito de acompanhar cantores célebres como Atilfo Alves, Jackson do Pandeiro, Elizeth Cardoso. Enfim, eu conheci todo mundo, não posso citar todos os nomes, senão só saio daqui amanhã. Uma coisa me fascinava muito, era que você chegava na rádio as 18:00h e às vezes saía à meia-noite. Os programas eram emendados direto, não tinha *play-back*. Todo dia era uma coisa nova.

Eu me casei aqui no Brasil com o Geraldo e logo vieram os filhos, seis filhos, e as pessoas me perguntam como eu conseguia tempo para tudo. Eu confesso que a atenção poderia ter sido maior com meus filhos, mas, em compensação, hoje em dia, por causa da música, eu tenho uma aproximação muito grande com os meus filhos. Era uma coisa difícil, pois eu vivia correndo de lá para cá, era a necessidade e a solicitação também, pois é muito difícil você recusar um convite.

Em 1964, ano da Revolução, o pessoal da Rádio Nacional foi posto no olho da rua. Já antes, eu tinha participado de outros movimentos, pois fiz parte de uma orquestra de câmara que o Cláudio Santoro tinha fundado na Rádio Clube com o Mário Tavares, Alceo Bocchino e o violoncelista catalão Ramon Batalles. Santoro foi convidado para editar suas composições na Rússia e quando ele voltou o governo acabou com a orquestra! Fiquei indignada com a maneira com que se tratam as pessoas por causa da política. A Rádio Nacional era uma entidade extraordinária que tinha até atendimento médico permanente, o dentista era irmão do Radamés. Os programas eram muito variados, “Festival GE”, “Ondas Musicais”, “Um Milhão de Melodias”, “Discoteca do Almirante”, além de programas de auditório, rádio teatro, jornal, novelas.

Eu me lembro que a primeira pessoa com quem eu toquei um programa clássico no Brasil foi nos “Ondas Musicais” meu amigo, grande pianista, Homero Magalhães.

O meu conhecimento de música foi se ampliando muito. Eu me lembro que quando nós saíamos da Rádio Tupi, nós descíamos a Avenida Rio Branco e íamos para o Café Nice. Lá nós encontrávamos os sambistas tocando em caixas de fósforo e eu achava aquilo o máximo, pois sempre percebi o valor musical da improvisação e do ritmo, uma coisa que sempre me fascinou muito.

Em 1965, fomos todos chamados para a TV Globo que se inaugurava e achamos ótimo, mas a Globo chamava a gente para gravar a qualquer hora do dia ou da noite. Começaram a evoluir os musicais, as novelas, nós gravávamos as músicas das novelas, cada episódio era uma gravação diferente. No tempo dos grandes Festivais da Música Popular do Maracanãzinho, nós gostávamos muito, pois ganhávamos em dobro, mas era um tempo difícil por causa da ditadura.

Eu dava aulas na Pró-Arte e no Conservatório Brasileiro de Música, tinha muitos alunos como: Paulinho Jobim, Danilo Caymi, Marcelo Bernardo, Mauro Senise, por exemplo entre muitos, pessoas que são realmente muito bons na música popular. Uma coisa que me orgulho muito sobre meus alunos é que eles são diferentes de mim e de minhas filhas Beth e Andrea (a Deda) que também tocam flauta. Cada aluno achou um caminho diferente na música, alguns trabalham em produção, outros fizeram doutorado, outros são astros da música popular, então cada um tem uma maneira diferente de tocar e de atuar. Eu nunca incitei meus alunos a fazerem concurso para conseguirem algum lugar, pois eu achava que cada um era um.

Em meio a tudo isso, eu recebi um convite para ir para a Universidade de Brasília – UNB, em 1973, e apesar de ninguém lá em casa querer ir, eu acabei indo para Brasília e a família também. A Universidade de Brasília teve início em 1960 e Santoro foi o primeiro chefe do Departamento de música, mas a partir de 1968, após o AI-5, Brasília se esvaziou e tiveram que chamar para o

departamento algumas pessoas que não tinham muita qualificação. A partir de 1971/72, chamaram o Capitão de Mar e Guerra Azevedo para reconstruir a universidade, então ele contratou várias pessoas para irem para Brasília. Era uma época de alta repressão, mas com o passar do tempo, eu me lembro que nós tínhamos muitas facilidades.

Eu comecei em Brasília algo que me interessou sempre muito que é a pesquisa e outras atividades interdisciplinares, eu achei interessante sair da vida profissional e de toda aquela confusão do Rio. Eu vi em Brasília algumas coisas diferentes do Rio. Ao chegar lá, senti alguma coisa pulsante e a sensação é de que você está participando de alguma coisa.

Eu esqueci de dizer que na Rádio Nacional eu conheci pessoas como Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, era um convívio simples.

Voltando a Brasília, eu comecei a me interessar por outros aspectos da música. Vicente Salles me incentivou e eu parti para uma diversificação muito grande. Iniciei uma pesquisa sobre a realidade musical dos arredores da cidade “o Bumba meu boi do Teodoro” (um marinheiro pioneiro de Brasília) “a Catira de Planaltéria, “o choro”. O Clube do choro começou na minha casa na SQS, 311 – Bl E apto 506 (endereço histórico) e ligado ao Departamento de lingüística, “estudos creoles”, um estudo sobre a formação de música popular brasileira, com a formação da música popular brasileira, com afinidades com outras música mistas (da Ilha Mauricio, terra de meu pai).

Em Brasília, havia muitos alunos e eu dava uma matéria chamada “Elemento de Estética e História da Arte”, era uma coisa um pouco vaga, mas muito flexível. Em 1981, iniciei uma pesquisa na cidade de Diamantina, MG, sobre o “Som da cidade”, que continuo até hoje. Eu tinha mais facilidade para viajar e para participar de congressos. Fui a convite do professor Gerard Behague, como professor visitante, para o departamento de música da UT (University of Texas), onde pude aprimorar meus estudos e pesquisas, sob orientação dele, de janeiro a julho de 1982.

Uma coisa muito interessante e algo que me fez voltar a meu país, à minha origem (a Ilha Mauricio, de meu pai), foi o fato de que eu percebi cada vez mais forte que a cultura musical, a cultura em geral é diversificada, é plural. Não existe essa coisa de cultura do primeiro mundo ou do segundo mundo, ou do terceiro. O movimento é constante, então essa ideia de mestiçagem é uma coisa muito forte, o mundo inteiro participa da mesma coisa e a música educa. Essa procura do som, por exemplo, é uma coisa que vem de dentro. Conheço um pouco de técnica de Alexander, tive algumas aulas com Angel Vianna, sobre a conscientização do corpo e a imaginação do movimento, pois não tenho mais resistência para tocar seis horas por dia, então essa maneira de pensar o som, imaginar o movimento e trabalhar a memória é uma coisa que tem que ser desenvolvida na escola e não somente na escola de música.

Os meus filhos tiveram a sorte de viverem uma parte de sua educação dentro de escolas de música na Pró-Arte, no Rio de Janeiro, com as professoras Elza Schachter e Salomea Gandelaman, que os iniciaram nas bases da música e depois, em Brasília, na escola de música de Brasília, fundada pelo maestro Levino Alcântara. A escola é muito importante, não só a escola de música. A música tem que estar na escola.

Eu vou encerrar contando algo. Eu vou muito a Minas Gerais e lá tem um lugarzinho chamado Ibitipoca, que está sendo invadido por turistas atualmente, mas o lugar ainda é pobre. Lá eles querem fazer uma banda com crianças bastantes carentes. Mas, existe um senhor aposentado de uma banda militar que vem de outra cidade e que enfrenta 40 km de pó na estrada de terra para dar aula para essas crianças. Ele já formou uma bandinha, com instrumentos dele, que ele empresta! Então, há 15 dias ele me convidou para a festa de Santana e ao chegar lá vi algumas crianças que tocavam, então fomos para o varandão de um bar e na primeira oportunidade, no meio daquela barulheira, começamos a tocar. A praça parou e todos correram para ouvir aqueles meninos tocando, foi impressionante, algo de chorar, ai foi que eu senti o poder da música, foi realmente emocionante.

Eu quero agradecer aos meus pais e a todos as pessoas que encontrei, aos professores que tive e aos meus amigos. Obrigada!